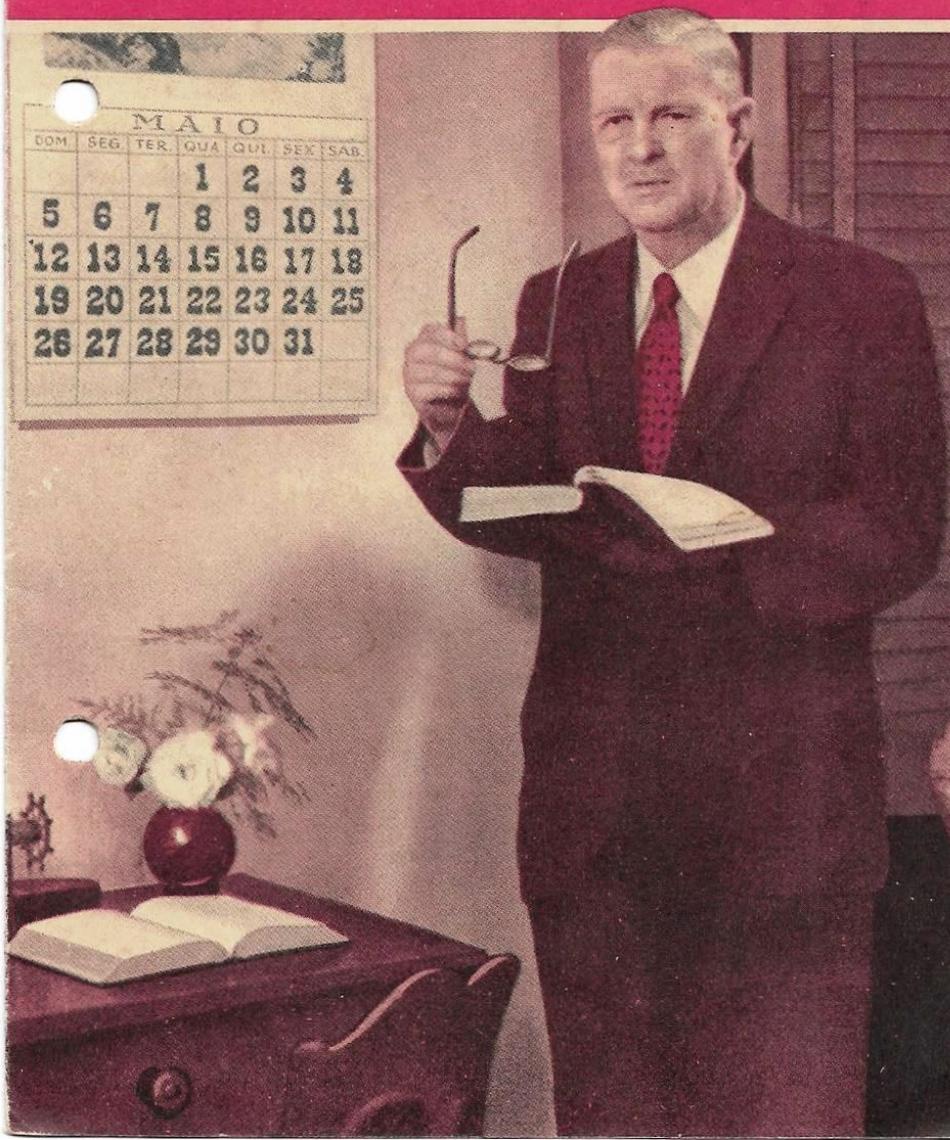


O Dilema Protestante



O Dilema Protestante

PERTO do começo do século III, Tertuliano, um preeminente eclesiástico latino, comentando certas práticas religiosas em seus dias, afirmou: “Se, para estas e outras regras, insistis em procurar autoridade bíblica, verificareis que não há nenhuma. A tradição é sua fonte originadora, o costume o que lhe deu fôça e a fé a razão de serem observadas.” — *The Chaplet*, cap. 4.

Entretanto quando ensinava os homens, Cristo usava as Santas Escrituras como a base de Sua instrução. “E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que d’Ele se achava em tôdas as Escrituras.” S. Lucas 24:27.

De fato, o Senhor condenou severamente tôdas as tradições religiosas que eram contrárias aos ensinamentos das Sagradas Escrituras, citando assim o santo profeta Isaías: “Este povo honra-Me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de Mim. Mas em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.” S. Mateus 15:8 e 9. E acrescentou: “Tôda a planta que Meu Pai celestial não plantou, será arrancada.” Verso 13.

Os benditos apóstolos também salientaram a importância das Santas Escrituras como autoridade suprema. “Tôda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para tôda a boa obra.” II Tim. 3:16 e 17.

Na verdade o apóstolo S. João encerra o último livro das Santas Escrituras com esta admoestação: "Porque eu testifico a todo aquêlê que ouvir as palavras da profecia dêste Livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sôbre êle as pragas que estão escritas neste Livro; e se alguém tirar quaisquer palavras do Livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritas neste Livro." Apoc. 22:18 e 19.

Mas a maioria dos protestantes, que dizem não aceitar as tradições eclesiásticas como de autoridade divina, observam o domingo e freqüentemente são muito ardorosos em defender as leis dominicais. Seu dilema é que rejeitam as tradições eclesiásticas mas guardam o domingo daquela tradição. Uma vez que a observância do domingo não está baseada na autoridade das Sagradas Escrituras, mas é recebida da tradição eclesiástica, como se tornou ela tão popular? Qual é sua história?

Como seu antigo nome indica (*dies solis*, isto é, dia do Sol), o domingo era antigamente observado pelos pagãos como consagrado ao Sol. A adoração ao Sol é a mais antiga forma de adoração pagã. O uso semanal do domingo pelos gentios para adoração ao Sol começou muito cedo. Supondo que sete divindades — Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno — dirigiam os céus, os astrólogos dedicaram as horas sucessivamente a êstes deuses. E cada dia era destinado ao deus astral a quem a primeira hora do dia era dedicada. Domingo, o dia do Sol, era assim chamado por causa da primeira hora dêste dia que era consagrada ao Sol. E assim era com a segunda-feira, o dia consagrado à Lua, e com os outros dias da semana.

O mitraísmo, cujos adeptos eram especialmente devotados ao Sol Invicto, também chamado Mitras, tornou-se muito popular entre os soldados romanos. Tertuliano afirma que o domingo era usado como dia de adoração entre os mitraístas. (*Apologia*, cap. 16.) Franz Cumont, notável autoridade francesa em mitraísmo, disse: "Eles defendiam também o dia sagrado do Sol, e celebravam o nascimento do Sol no dia 25 de dezembro, o mesmo dia em que os cristãos celebram o Natal, pelo menos desde o quarto século." — *The Mysteries of Mithra*, pág. 191. "Cada dia na semana, o planeta ao qual o dia era consagrado era invocado de um ponto fixo na cripta; e o domingo, sôbre

o qual o Sol reinava, era especialmente santo." — *Idem*, pág. 167.

De acôrdo com o *Liber Pontificalis* (O Livro dos Papas), cap. 33, o Papa Miltíades, no princípio do quarto século, chamou a atenção para o fato de que o domingo era guardado pelos pagãos como um dia sagrado de jejum. O Papa Leão I, no século V, censurou aquêles que "jejuavam no primeiro e segundo dias da semana, em honra do Sol e da Lua." — *Sermão* 42, cap. 5.

O bispo Eusébio de Cesaréia, no princípio do século IV, conta em sua *História Eclesiástica* como a observância do domingo começou entre os cristãos. Declara êle que antes da morte do apóstolo S. João, muitos na Igreja começaram a comemorar a morte de nosso Senhor na primavera de cada ano, data que se supunha havia Êle sido crucificado. E sendo que Jesus morreu no dia da Páscoa dos hebreus, como os evangélicos nos contam, aquêles primeiros cristãos celebravam o aniversário da crucifixão nessa mesma data, fôsse qual fôsse o dia da semana em que os judeus guardassem sua páscoa.

Entretanto, alguns dos cristãos gentios não gostavam dos judeus, porque êles haviam persuadido os romanos a crucificarem a Jesus. Registos sagrados e seculares mostram que os judeus perseguiram os primeiros cristãos, e induziram os romanos pagãos a fazerem o mesmo. Por outro lado, os cristãos gentios não queriam que ninguém os confundisse com os judeus, que se tinham revoltado contra o govêrno romano desde 66 a 70 A. D., quando mais de um milhão de pessoas pereceram na Palestina. Mais tarde, de 131 até 135, os romanos sufocaram outra sangrenta revolta dos judeus na Palestina, e assim Jerusalém ficou completamente destruída e o solo onde estava situada foi arado. Uma cidade gentílica com um nome romano, foi construída em seu lugar.

Muitos cristãos gentios evitavam a qualquer custo que os romanos pagãos os olhassem como sendo judeus. Assim Tertuliano informou às autoridades romanas: "Nós não concordamos com os judeus nem em suas peculiaridades sôbre alimentos nem em seus dias santos." — *Apology*, cap. 21.

Os líderes dos cristãos na cidade de Roma decidiram que o festival da primavera praticado em comemoração ao padecimento do Senhor, seria celebrado numa data diferente daquela da Páscoa dos judeus. O bispo Eusébio diz que êles decidiram obser-



KREIGH COLLINS, ARTIST

O imperador Constantino instituiu a primeira lei civil do descanso dominical.

vá-lo em um domingo, todos os anos, em memória da ressurreição do Senhor. Isto marcou o princípio do que é hoje conhecido como a observância do domingo de Páscoa. Esta inovação foi introduzida na igreja por volta do tempo em que o Imperador Adriano concluiu a guerra contra os judeus.

Levou alguns anos para que a observância do domingo se tornasse uma celebração semanal. A primeira descrição deste fato, de que se tem notícia, é de Justino Mártir, um filósofo convertido, que ensinou na cidade de Roma, cêrca da metade do segundo século. Em sua Primeira Apologia, cap. 7, êle conta como os cristãos se encontravam lá aos domingos, então, para a adoração a Deus. Daí por diante a observância do domingo se espalhou gradualmente por outras partes do mundo cristão.

Próximo do fim do segundo século, o Papa Vítor I ordenou a observância do festival de primavera a tôdas as Igrejas, no domingo de cada ano, mas muitas delas se recusaram a fazê-lo. Isto mostra quão tenso eram os sentimentos concernentes ao assunto. Finalmente o Imperador Constantino, em 321 A. D., expediu a primeira lei civil, requerendo que todos os homens, exceto os fazendeiros, parassem de trabalhar no "venerável dia do Sol." Embora estivesse profundamente interessado na religião cristã neste tempo, Constantino era ainda um devoto do "Sol Invicto." Pouco antes de sua morte, em 337 A. D., êle foi batizado por um bispo hereje.

Quando o movimento protestante surgiu no século 16, houve uma dúvida quanto a se o domingo, o primeiro dia da semana, ou o sétimo dia, o sábado, seria observado pelos cristãos. A maioria dos protestantes decidiu continuar a guardar o domingo, porque já se tinham acostumado a assim fazer. Mas assim procedendo ficaram em face de um dilema. Eles haviam rompido com a igreja católica romana, a qual havia instituído a observância do domingo entre os cristãos. Agora, como iriam êles, após ter deixado essa igreja, ainda guardar o domingo que ela havia estabelecido?

O Dr. John Eck, experimentado teólogo, representante do lado romano da questão, confundiu com isto a Lutero em um debate em Leipzig. No ano de 1533, o Dr. Eck publicou seus argumentos contra o luteranismo, num manual intitulado *Enchiridion*, no qual desafia os líderes protestantes da seguinte

maneira: "As Escrituras ensinam: 'Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás tôda a tua obra etc. Não obstante, a igreja mudou o sábado para o dia do Senhor por sua própria autoridade, e para isto não tendes nenhuma autoridade escriturística.'" — Págs. 4 e 5. E outra vez: "O sábado é muitas vêzes ordenado por Deus, e nem os evangelhos e nem Paulo declaram que o sábado cessou." — Pág. 42.

O Dr. Stephen Keenann na página 325 de seu *Doctrinal Catechism*, escreve: "PERGUNTA: É a questão da observância do domingo, como dia de descanso, um assunto claramente definido nas Escrituras? RESPOSTA: Certamente não; e não obstante os protestantes consideram a observância dêste dia como essencialmente necessária à salvação. Dizer que observamos êste dia porque nêle Cristo ressuscitou dos mortos, é dizer que agimos sem autoridade da Escritura; da mesma forma poderíamos dizer que devíamos descansar na quinta-feira, porque nesse dia Cristo ascendeu ao Céu, e repousou em realidade da obra da redenção."

Em janeiro de 1883, *The American Catholic Quartely Review* fixou melhor o caso ao protestar contra as leis dominicais de inspiração protestante: "Estranho como possa parecer, o Estado, ao baixar leis para a obrigatória santificação do domingo, está inadvertidamente reconhecendo a autoridade da igreja católica, e promovendo mais ou menos fielmente suas determinações. . . . Êste não é o sábado judaico; êle é, na verdade, inteiramente distinto daquele, e não regulado pelos ensinamentos da lei mosaica. É parte e parcela do sistema da igreja católica, de maneira tão absoluta como o é o matrimônio ou qualquer outro sacramento, seus dias de festas, de jejuns, de indulgências e jubileus." — Pág. 139.

E mais: "A igreja católica criou o domingo e fêz as regulamentações que aparecem nos livros-estatutos e ainda constantemente, de seus púlpitos, de suas cadeiras de catequese e do confissionário, ordena a seus fiéis que o observem, que santifiquem êste dia, e abandonem tudo que o possa desacreditar." — *Idem*, pág. 149.

E outra vez: "Para sua presente prática os protestantes em geral não têm nenhuma outra autoridade a não ser a da igreja católica, que êles não reconhecem, e não pode haver maior

inconsistência do que a sua em pedir ao Estado que imponha leis dominicais." — *Idem*, pág. 152.

O Dr. Augusto Neander, notável historiador eclesiástico protestante, escreve: "As festividades dominicais, como outras festividades, nunca passaram de ordenações humanas, e sempre estêve longe da intenção dos apóstolos estabelecer uma ordem divina a êste respeito; longe dêles e da primeira igreja apostólica, transferir as leis do sábado para o domingo. No fim do segundo século, talvez, uma falsa aplicação desta espécie tenha começado a ter lugar; pois por êsse tempo parece haver surgido homens considerando um pecado trabalhar no domingo." — *The History of the Christian Religion and Church During the First Three Centuries*, parte segunda, seção terceira.

Portanto, é necessário que o cristão deixe de lado tôdas as disputas sôbre êsse assunto e obedeça aos mandamentos de Deus como estão nas Sagradas Escrituras, levando uma vida pura todos os dias da semana, e observando o sábado no sétimo dia.

NOTA: Se V. S. desejar mais esclarecimentos sôbre o assunto tratado neste folheto, queira dirigir-se ao seguinte enderêço:

www.faroldaprofecia.com
Youtube – Farol da Profecia
Instagram – Farol da Profecia

SÉRIE SELETA — N.º 11

Impresso em Offset à Av. Pereira Barreto 42 — Santo André, São Paulo
1057-50M-5-68